

O TRABALHO COM MONUMENTOS COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA AOS PROCESSOS DE INVISIBILIZAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS¹

WORKING WITH MONUMENTS AS A POSSIBILITY OF RESISTANCE TO THE PROCESSES OF INVISIBILIZATION OF SOCIAL GROUPS

Nayara Silva de Carie²

Débora Cristina Alves da Silva³

Resumo: Os monumentos de uma cidade são fontes históricas que podem se tornar evidências ao serem interrogados a partir de questões que possibilitam refletir sobre diversos elementos constitutivos das sociedades que os construíram. Relações entre grupos sociais, estratégias de invisibilização e de visibilização e as desigualdades entre homens e mulheres vivenciadas nos diversos passados e também no presente são materializadas nos espaços da cidade, revelando como tudo o que uma sociedade produz está eivado de seus valores, concepções e crenças. Tendo isso em vista, este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir as potencialidades de uma proposta de trabalho com o patrimônio material local, na perspectiva da Educação Histórica, a partir do levantamento dos monumentos localizados na cidade de Belo Horizonte /MG. Considera-se que discutir a Educação Patrimonial por meio do trabalho com os monumentos de uma cidade, na perspectiva da Educação Histórica, pode promover a identificação de mecanismos de invisibilidade de grupos sociais no passado e no presente, além de possibilitar o desenvolvimento de estratégias de resistência a mecanismos de invisibilização de grupos que foram e continuam sendo excluídos na e pela sociedade.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Educação Histórica; História local.

Abstract: The monuments of a city are historical sources that can become evidences when they are questioned on several questions that make it possible to reflect on many elements that constitute the societies that built them. Relationships between social groups, invisibility and visibility strategies, inequalities between men and women experienced by different pasts and also in the present are materialized in the city spaces, revealing how everything that a society produces is bound up with its values, conceptions and beliefs. Thus, this article aims to discuss heritage education from the perspective of Historical Education from the work with monuments that represent women, female figures or are homage to female personalities from the city of Belo Horizonte, capital and largest city in the state of Minas Gerais and one of the most populous in Brazil. For this purpose, a research of the monuments of women or those that honor them was based on the Belo Horizonte Monuments Inventory elaborated by the Belo Horizonte Municipal Tourism Company (BELOTUR), in 2008. This research, based on the Inventory of BELOTUR, had the objective of identifying the monuments of Belo Horizonte, observing items to, later, proceed to an analysis from the patrimonial education and the historical investigation. It is believed that discussing heritage

¹ Este artigo é fruto das reflexões suscitadas pela elaboração de material didático para o Projeto de extensão do qual faço parte "Curso de formação Continuada em Produção de Cadernos Pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos", coordenado pelo Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Heli Sabino de Oliveira, em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no ano de 2020.

² Doutora em Educação. Professora Adjunta da FAE-UFMG. carienayara78@gmail.com.

³ Mestranda em Educação – UFMG. debora.cristina542@gmail.com.

education through work with the monuments of a city, in the perspective of historical education, can promote the identification of mechanisms of invisibility of social groups in the past and their maintenance in the present, in addition to enabling resistance this invisibility of groups that were and continue to be excluded in and by society.

Keywords: Patrimonial education; Historical Education; Local history.

1. A Educação Histórica e as possibilidades de aproximação do entorno dos estudantes

Faz-se cada vez mais presente nos estudos sobre o ensino da História, a importância de se ensinar a partir do entorno dos estudantes como forma de tornar o ensino mais significativo. Outra questão que vem se destacando, cada vez mais nessas discussões, é a necessidade de se ensinar os procedimentos do trabalho do profissional da área.

É nessa perspectiva que os trabalhos com o patrimônio local a partir da Educação Histórica se mostram profícuos, uma vez que viabilizam o ensino da História a partir de uma perspectiva investigadora, que utiliza procedimentos de pesquisa do historiador para perscrutar as subjetividades e suas motivações, as relações de poder, os circuitos econômicos e as cadeias produtivas, as expressões culturais e os problemas que se materializam no entorno dos estudantes e suas relações com diferentes dimensões espaço-temporais. Essa abordagem possibilita que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais ampla do tempo e do espaço em que vivem e se compreendam como sujeitos dos processos históricos que se desenvolvem no seu entorno.

Para Mattozzi (2008), estudar a história local, na perspectiva da Educação Histórica, implica utilizar os procedimentos do historiador como objetos de ensino para a compreensão da realidade, tais como a tematização, a identificação e a leitura de fontes, a elaboração de inferências e hipóteses, a contextualização espacial e temporal, o estabelecimento de relações causais, temporais e espaciais entre os acontecimentos, a análise de pontos de vista distintos, dentre outros. Essa perspectiva de estudo permite problematizar os vestígios que se conformam em paisagens, objetos, relações sociais, de trabalho e de poder que se

desenvolvem na localidade, possibilitando aos estudantes identificar, construir e ressignificar a própria vida a partir da História ensinada na escola.

Seguindo essa mesma abordagem que propõe o ensino da História a partir do espaço de vivência, Borghi (2016) argumenta que ensinar História sem que se abra espaço para a história local e de forma distanciada de uma perspectiva que interroga, relaciona e desnaturaliza, favorece a repetição e a memorização de conceitos e histórias desconectadas e, muitas vezes, pouco significativas. Para a autora, uma importante função social da História é a de formar para a compreensão dos grandes problemas enfrentados pela sociedade atual e que se manifestam no cotidiano, tais como: o aquecimento global, a poluição, a desigualdade social, os processos migratórios, o racismo, dentre outros. Afirmar, ainda, que esse processo de formação é desenvolvido por meio do trabalho investigativo, da observação, da identificação e do tratamento das fontes, da formulação de hipóteses, etc.

A autora ressalta que uma das principais funções do ensino da História é proporcionar o desenvolvimento de estratégias cognitivas, sociais, políticas, éticas e culturais que permitam aos estudantes compreenderem e atuarem no espaço e tempo em que vivem. Para isso, é essencial que os estudantes reflitam acerca da sua própria realidade. Ainda de acordo com a autora, quando a história local e suas relações com contextos mais amplos se fazem pouco presentes no ensino, é favorecida a formação de cidadãos pouco comprometidos com o seu entorno.

2. O patrimônio material como fonte para a compreensão do espaço de vivência

De modo geral, nos currículos de História⁴, o ensino de questões que envolvem o local de vivência dos estudantes está presente no primeiro segmento do Ensino Fundamental (6 a 10 anos). Porém, ao analisar esses documentos, é possível observar que a presença do ensino da história local vai se tornando cada vez mais escassa no segundo segmento do Ensino Fundamental (11 a 14 anos) e

⁴ Dentre esses documentos podem ser citados a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de História do Ensino Básico, o Currículo Referência de Minas Gerais e as Proposições Curriculares Municipais do Ensino Fundamental/História.

no Ensino Médio (15 a 17 anos). Mesmo comparecendo nos currículos de História do primeiro segmento do Ensino Fundamental, muitas vezes, na prática, o que se percebe é um ensino de uma história tradicional do local, pouco problematizadora, sem conexão com histórias e contextos mais amplos e que, em geral, se encerra numa narrativa única da história da cidade, do bairro ou do município.

Ressalta-se que o trabalho com o local está presente nos currículos como conteúdo do primeiro segmento do Ensino Fundamental, nível de ensino contemplado pelos cursos de Pedagogia, mas não pelos cursos de Licenciatura em História. Disso decorre que o trabalho com a história da localidade do estudante e suas relações com a História em contextos mais amplos (nacional e mundial), frequentemente, não é tema dos currículos dos cursos de graduação em História, uma vez que preparam para a docência no segundo segmento do Fundamental e no Ensino Médio.

Para Borghi (2016), o conhecimento histórico deve favorecer a aquisição, seja da capacidade de autocrítica, seja da consciência com a qual se pode responder eficazmente às exigências atuais de orientação. Para isso, é muito importante que o ensino da História relacione presente e passado a partir da compreensão do próprio território e das histórias de vida que nele habitam e habitaram. Desse modo, faz-se necessário promover o desenvolvimento de estratégias para que os estudantes possam conhecer o próprio tempo e espaço de vivências, identificar e compreender as questões e problemas que neles se materializam. Isso pode contribuir para formar cidadãos mais críticos, conhecedores dos problemas da localidade em que vivem e interessados na gestão do seu próprio espaço de vivência. Assim, o trabalho com o entorno se conecta com o patrimônio material, uma vez que o patrimônio se constitui em vestígios que, se forem problematizados, podem se tornar ricas fontes para compreender o próprio tempo e espaço e as relações que nele se desenvolveram e se desenvolvem. Mattozzi (2008) também discute a potencialidade do trabalho com o patrimônio local a partir da Educação Histórica nos diferentes níveis de ensino e, para ele, esse trabalho favorece que o estudante perceba o passado como um estimulante campo de investigação, observação e reflexão.

3. Ensinar a pensar historicamente a partir do patrimônio local

O passado deixa marcas no território e a patrimonialização se constitui numa forma como a sociedade lida com elementos materiais e ou imateriais do passado e do presente. De modo geral, o patrimônio material é associado ao passado, no entanto, ele também se refere ao presente. Pode-se indicar, pelo menos, quatro argumentos para demonstrar como o patrimônio material de uma localidade se refere ao presente e não somente ao passado: 1- um patrimônio material ou imaterial, datado no passado, continua existindo no presente; 2- o patrimônio é cuidado por órgãos públicos ou privados do presente; 3- o presente continua patrimonializando bens; 4- o patrimônio também se refere ao tempo presente, uma vez que continua atuando no presente, sendo ressignificado pelos sujeitos. Constituindo-se numa ponte entre passado e presente, uma potencialidade do trabalho com o patrimônio no ensino da História é o de propiciar o diálogo entre diferentes tempos.

Sendo assim, o trabalho com o patrimônio local possibilita ao estudante ver a própria cidade em camadas, compostas por diversas temporalidades que se conectam no presente. Ao indagar os monumentos que existem numa cidade, é possível conhecer as histórias de diferentes pessoas e de diferentes grupos que nela viveram e vivem. Isso contribui para a compreensão de distintos modos de vida de pessoas que compartilharam o território em outros tempos, observando o que mudou, o que permaneceu, bem como as expectativas em relação às questões que podem ser tematizadas a partir dos objetos patrimoniais e, desse modo, permite a apropriação do tempo e do espaço em que se vive.

Outra potencialidade do trabalho com o patrimônio local a partir da Educação Histórica é que as histórias advindas da investigação do patrimônio de uma cidade podem se tornar um contraponto à "história nacional" que, não raras vezes, promove uma metonímia da realidade, ao tomar a história de uma parte do país, num determinado período, generalizando-a para todo o restante do território, invisibilizando as especificidades locais. Constitui-se também num instrumento de transformação, uma vez que cria condições para a construção de uma cidadania crítica e propositiva, haja vista que forma cidadãos e cidadãs conhecedores do próprio território e de sua própria história.

Para Mattozzi (2008), no processo de construção do conhecimento sobre o passado, as marcas que permanecem vão se tornando instrumentos de informação, ganhando assim, valor cognitivo. De acordo com o autor, para realizar um trabalho significativo com o patrimônio, é importante dar aos estudantes informações preliminares para serem analisadas e guiá-los na observação. Ainda segundo o autor, é relacionando as informações recebidas com as descobertas originadas da observação que os estudantes vão construindo conhecimento, significando o bem cultural e ampliando o olhar. É necessário recolocar a questão de outras maneiras, de modo que o conhecimento construído a partir do patrimônio local possa ser relacionado a contextos mais amplos.

Na mesma linha de raciocínio de Mattozzi (2008), Molina (2015) afirma que a educação para o patrimônio articula competências e objetivos do currículo, possibilita a interdisciplinaridade, permite que os estudantes desenvolvam um estudo crítico do passado, relacionando-o com o presente e, ainda, estimula a construção de laços intergeracionais. Para a autora, o trabalho com o patrimônio na perspectiva da Educação Histórica permite educar com os vestígios do passado, promovendo a aproximação destes para compreendê-los, dando sentido e significado aos objetos compartilhados nos espaços percorridos cotidianamente. E, por meio desta aproximação com o passado, torna-se possível desenvolver habilidades cognitivas, tais como a observação, a descrição, a comparação, a análise, a formulação de perguntas, a elaboração de hipóteses, a seleção de fontes e a articulação desse conjunto de procedimentos para encontrar respostas às perguntas derivadas desse processo. Além disso, conecta o sujeito com a sua própria história pessoal, com o passado da comunidade, com a história dos grupos, dos conflitos expressos e ou silenciados; dá visibilidade a grupos que foram invisibilizados; permite tratar temas como racismo, gênero, religião, dentre outras tantas possibilidades. Segundo a autora, o trabalho com o patrimônio constitui-se numa "ferramenta de rebeldia cidadã" às práticas curriculares que dificultam ao invés de possibilitarem a formação do espírito crítico, capaz de enfrentar o entorno político, social e econômico.

Possibilitar o estudo do passado tendo como base o patrimônio material, na perspectiva da Educação Histórica, pode se constituir num meio para se evitar o que (SCHMIDT; GARCIA, 2007) denominam de "sequestro da cognição histórica"

dos sujeitos. Este processo consiste na falta de ferramentas cognitivas para a compreensão do passado em relação ao presente, tais como a tematização, a problematização, a delimitação temporal e espacial, a leitura crítica, bem como a seleção, a classificação e a análise das fontes. A falta desses elementos deixa os sujeitos reféns de interpretações de mundo de outrem, sem instrumentos para conseguirem pôr à prova as evidências que as sustentam.

4. Delineando uma proposta didática: o que podemos aprender com os monumentos de Belo Horizonte

Os monumentos que habitam as cidades são exemplos de patrimônio material que estão imersos em histórias e representam várias memórias. São objetos culturais que fazem parte da história local. Oliveira e Teixeira (2008) ressaltam que as estátuas são consideradas verdadeiros objetos de arte que dialogam com a cidade e que cada uma delas guarda em si um pedaço da história do lugar. Desse modo, os monumentos são janelas para os diversos passados que os idealizaram, financiaram, construíram, apreciaram, utilizaram, preservaram, depredaram, ignoraram e, ainda, incorporaram em suas próprias narrativas sobre o local. Se indagados, os monumentos podem fornecer informações que permitem conhecer melhor esses diversos passados e o próprio presente, uma vez que estão pela cidade e continuam fazendo parte da vida das pessoas.

Nesse sentido, os monumentos também ajudam a pensar sobre as relações entre os grupos sociais em diferentes tempos, posto que continuam existindo e sendo construídos. Portanto, ao analisar os monumentos de mulheres, figuras femininas ou que as homenageiam, observa-se que eles fornecem elementos sobre como as relações entre homens e mulheres foram construídas nos diversos tempos na cidade de Belo Horizonte.

Participando do dia a dia de grande número de pessoas que circulam pela cidade, os monumentos que representam mulheres constituem-se em elementos que compõem o espaço público, podendo funcionar como objetos de memória, de história e como instrumentos pedagógicos na medida em que agregam representações que podem alimentar narrativas que fazem parte da construção

das identidades pessoais e de grupos sociais, com implicações para o modo como as pessoas constroem visões de si, dos outros e do mundo.

O modo como as mulheres são representadas por meio do patrimônio material nos espaços públicos pode contribuir para a naturalização de situações de desigualdade historicamente construídas. Por exemplo, na cidade de Belo Horizonte, há uma grande quantidade de monumentos que representam homens, sejam figuras masculinas ou em homenagem a eles e que são de grande porte, de corpo inteiro e localizados em lugares de grande visibilidade. Em comparação, há poucos monumentos que representam as mulheres, são de pequeno porte e, geralmente, estão situados em lugares de pouca visibilidade. A naturalização da predominância de estátuas de figuras masculinas em relação às de figuras de mulheres, somada ao contexto de desigualdade entre homens e mulheres em nossa sociedade, pode corroborar a percepção de que, na cidade de Belo Horizonte, não existem muitos monumentos que representam mulheres porque não há muitas mulheres que realizaram trabalhos importantes o suficiente para serem lembradas.

Desse modo, um trabalho com os monumentos de uma cidade que representam mulheres, figuras femininas ou em homenagem a elas, na perspectiva da Educação Histórica, tem o objetivo de desnaturalizar as desigualdades entre homens e mulheres no espaço de vivência e proporcionar aos estudantes o aprendizado de um conjunto de habilidades importantes para a compreensão do seu entorno em diversas situações da vida cotidiana.

Identificar a pedido de quem foram construídas as estátuas e como foi o processo de patrimonialização das mesmas, permite compreender como e em que consiste a política de gestão patrimonial do município, quais impostos são direcionados à manutenção do patrimônio da cidade, como a população participa e como pode participar da política patrimonial do município. Permite, ainda, democratizar a sua gestão, de modo a integrar mais grupos sociais nas discussões relativas ao patrimônio da cidade. A partir da análise dos elementos mais facilmente observáveis da fonte, como a sua materialidade, ou seja, o material com o qual os monumentos foram construídos, é possível descobrir se o material era utilizado na região, se era encontrado na própria região ou se vinha de outro

lugar, se ainda é utilizado e se tem alguma especificidade que o fez ser utilizado na época em que o monumento foi construído.

O trabalho com os monumentos pode, além do mais, contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências relativas à compreensão de conceitos históricos de segunda ordem. Segundo Lee (2016), os conceitos de segunda ordem são constitutivos da cognição histórica e podem também ser denominados meta-cognitivos ou estruturais e dizem respeito aos fundamentos teóricos e metodológicos da História. No escopo desse artigo, pode-se citar os de fontes históricas, patrimônio, evidência, inferência, fontes, mudança e permanência. É possível, além disso, buscar relações entre os períodos em que os monumentos foram construídos e acontecimentos ocorridos no mesmo período na História de Belo Horizonte, no Brasil, na família e na própria vida do estudante.

4.1 Conversando com a fonte

Ao realizar um exercício de delineamento de uma proposta didática que aborde as questões sobre o trabalho com o patrimônio material local a partir da Educação Histórica, acredita-se que no trabalho com os monumentos da cidade de Belo Horizonte, uma etapa importante seja a produção de um levantamento dos monumentos da cidade⁵. Esse pode ser realizado convidando os estudantes a se dividirem em grupos correspondentes às regionais⁶ do município para, com base no Inventário dos Monumentos realizado pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte, disponível no acervo virtual da biblioteca do município, elaborem um levantamento dos monumentos catalogados no acervo, considerando os seguintes itens:

- 1- Nome do monumento;
- 2- Homem ou mulher;
- 3- Local em que se encontra (regional, bairro e rua);
- 4- Parte do corpo representada (Corpo inteiro, busto, cabeça, etc.);

⁵ A proposta didática não foi aplicada em sala de aula. Essa foi elaborada para discutir o potencial de utilização dos monumentos como fontes históricas.

⁶ A cidade de Belo Horizonte é dividida em nove regionais administrativas, criadas para definir ações específicas para a população de cada parte da cidade. São elas: Barreiro, Nordeste, Oeste, Pampulha, Noroeste, Norte, Centro-Sul, Leste e Venda Nova.

- 5- Alegoria ou personalidade homenageada (qual);
- 6- Data de construção e da patrimonialização;
- 7- Outras informações relevantes: se sempre esteve no mesmo lugar, motivos pelos quais mudou de lugar, órgão responsável pela conservação, etc.

A visita aos patrimônios também se constitui numa etapa relevante do trabalho. Numa cidade que possui muitos monumentos, como a de Belo Horizonte, a visita a todos pode ser de difícil realização, por isso os estudantes podem se dividir em grupos para visitarem as regionais ou, até mesmo, escolher os patrimônios que desejam visitar. Nessa proposta, considerando a quantidade de monumentos e o fato de a prefeitura já ter realizado um inventário, optamos por partir desse documento. No entanto, a pesquisa pode ser feita por meio de consulta a outro registro que a cidade possa ter realizado e por meio da visita aos patrimônios da cidade.

4.2 Analisando os dados: sobre a quantidade de monumentos que representam homens e mulheres

Ao realizar o levantamento dos monumentos que representam homens e mulheres, bem como figuras masculinas e femininas ou que os homenageiam, tendo como base o Inventário dos Monumentos de Belo Horizonte realizado pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte, no ano de 2008, disponível na biblioteca municipal, é possível identificar cerca de 198 bens patrimoniados, dentre os quais há monumentos, esculturas, bustos, estátuas e efígies que são marcos com representações de figuras masculinas e femininas. No inventário, os monumentos são classificados em busto, marco, efígie, escultura, estátua, mural, painel, placa, totem, bebedouros, obelisco e lavabo.

Somando o número de figuras masculinas, femininas ou objetos em homenagem a personalidades masculinas e femininas, alocadas em cada uma dessas classificações, tem-se um total de 23 mulheres e 110 homens, somando um total de 133. É o que mostra o quadro abaixo:

Tabela 1 - Tipologia dos Monumentos

Tipos de monumentos	Mulheres	Homens	Animais, objetos, outros	Total
Busto	1	61	0	62
Marco	0	12	35	47
Efígie	0	2	0	2
Escultura	6	9	30	45
Estátua	16	24	7	47
Mural	0	0	2	2
Painel	0	0	1	1
Placa	0	1	1	2
Totem	0	0	1	1
Bebedouro	0	0	2	2
Obelisco	0	1	2	3
Lavabo	0	0	2	2
Total	23	110	83	216

Fonte: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte - BELOTUR. *Inventário dos Monumentos de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PBH, 2008.

Dos 62 bustos inventariados, apenas um (1) faz referência a mulheres, no caso, o de Anita Garibaldi; os outros 61 são de personalidades masculinas. Dos 47 marcos inventariados, 12 são em homenagem a figuras masculinas e nenhum em homenagem a figuras femininas. As duas efígies existentes são em homenagem a personalidades masculinas e nenhuma representando figuras femininas. Do total de 45 esculturas, nove (9) são em homenagem a personalidades masculinas e seis (6) representam figuras femininas. De 47 estátuas inventariadas, 24 são de personalidades masculinas, 16 são em homenagem a figuras femininas e o restante, sete (7), são figuras de animais. Ainda, conforme a o Inventário de Monumentos de Belo Horizonte, encontram-se catalogados 13 monumentos, entre Bebedouro, Lavabo, Painel, Placa, Mural, Painel, Obelisco e Totem. Destes, dois

(2) são em homenagem a figuras masculinas: um (1) Obelisco em homenagem ao presidente João Pinheiro e uma (1) Placa em homenagem ao prefeito Luiz Verano.

O relatório faz referência a dezesseis (16) estátuas de figuras femininas, das quais apenas duas (2) se referem a personalidades, a poetisa Henriqueta Lisboa e a revolucionária Ana Maria de Jesus Ribeiro - Anita Garibaldi. O restante das obras são alegorias: a Moça Mirando Espelho D'água, o Monumento à Mãe Mineira, a Fontes das Três Graças, a Fonte Izabel; a Estátua de Iemanjá, as Quatro Estações.

No desenvolvimento do trabalho pedagógico, passando à análise dos dados a partir desse levantamento, dá-se início ao processo de interpretação dos dados, indagando sobre a possibilidade de se fazer alguma relação entre a quantidade de monumentos que representam figuras femininas e masculinas e a assimetria no modo como a sociedade trata homens e mulheres. Consideram-se importantes as problematizações, tais como: utilizando somente os monumentos como objeto de investigação, sem acesso a outras informações sobre os modos como a sociedade (local, nacional) trata homens e mulheres, seria possível confirmar as inferências produzidas a partir da análise da quantidade de homens e mulheres nos monumentos de Belo Horizonte? Por quê? O que se pode concluir sobre o uso de apenas um grupo de fontes para servir de evidência⁷ para se fazer afirmações sobre o passado ou sobre o presente? Essas questões possibilitam o trabalho com um conceito de segunda ordem de evidência, que abarca discussões acerca dos limites e as possibilidades da produção de inferências historicamente aceitáveis a partir de um único conjunto de fontes.

4.3 Sobre a localização dos monumentos

Sobre a localização dos monumentos, o primeiro aspecto a ser ressaltado a partir da investigação é o de que mais da metade (56%) dos monumentos

⁷ As fontes podem se tornar evidências na medida em que podem fornecer respostas sobre o passado. A evidência é o fundamento da inferência, o que está na base da construção do conhecimento histórico. Para Collingwood (1981), a História tem o objetivo de estudar, inferencialmente, eventos não acessíveis à observação, fundamentado com base na evidência. Para Ashby (2006), a Evidência Histórica situa-se entre o que o passado deixou, ou seja, as fontes históricas, e o que reivindicamos do passado na nossa busca por orientação na produção de narrativas ou interpretações históricas.

inventariados pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte, encontram-se localizados na região Centro-sul de Belo Horizonte, regional com nove (9) dos dez (10) monumentos que representam mulheres. Analisando o inventário, foi possível perceber que as regionais Norte e Venda Nova não apresentam nenhum monumento catalogado. Segundo Oliveira e Teixeira (2008), uma das explicações para essa disparidade entre as regionais é o fato de a gestão desses monumentos não ser unificada, mas estar a cargo das regionais.

Em relação aos dados coletados acerca da localização dos monumentos por regionais, é possível indagar se é natural que a maioria esteja na região Centro-sul, a região com melhores índices de desenvolvimento humano, e que as regiões Norte e Venda Nova, com menores índices, não apresentem nenhum bem patrimonializado. Por que isso ocorre? Essa ausência de bens patrimonializados nas regionais Norte e Venda Nova significa que os bens patrimonializados presentes em outras regionais, como a Centro-sul, que abriga a maioria, representam a memória e a história que é importante para a maioria da população da cidade de Belo Horizonte? E as mulheres e os homens que se destacaram e se destacam no dia a dia dessas regionais, seja nas associações de bairros, nas associações comunitárias, nas igrejas, ONGs (organizações não governamentais) ou os indivíduos atuantes nas comunidades que não são associados a nenhum movimento específico, mas que são fundamentais para a construção cotidiana das cidades?

Um segundo aspecto observado em relação à localização dos monumentos que representam figuras femininas na cidade de Belo Horizonte é o que Santos (1999) denomina de "dança das esculturas" no perímetro urbano. O autor afirma que, geralmente, as esculturas se "movem" por uma remodelação da própria cidade. No entanto, no caso de Anita Garibaldi, uma figura feminina que se deslocou bastante, os motivos foram outros. Segundo Teixeira e Oliveira (2008), o comportamento de Anita foi considerado muito avançado para um grupo de senhoras da elite local, uma vez que havia se separado do marido para ficar ao lado de outro homem, Giuseppe Garibaldi, um revolucionário, o que não condizia com os padrões vigentes, então optou-se por esconder Anita. De acordo com Teixeira e Oliveira (2008), o busto de Anita acabou sendo levado para um lugar de pouca visibilidade; praticamente esconderam a Anita junto ao portão da antiga

avenida Tocantins (hoje Avenida Assis Chateaubriand), dentro do Parque Municipal. Mais tarde, em 1929, após a construção do Viaduto de Santa Tereza, o busto foi levado para a Ilha das Garças, hoje, Ilha dos Amores, que foi totalmente remodelada para recebê-la.

Observando as andanças do busto de Anita Garibaldi por Belo Horizonte, pode-se perceber que os elementos presentes na cidade e sua localização não são aleatórios, mas sim, repositórios de representações dos valores, crenças e ideais de uma época e se constituem em matérias-primas para a construção das narrativas sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo.

Figura 1 - Busto de Anita (1913), Belo Horizonte, do escultor João Bassi



Fonte: conhecaminas.com

Por isso, ao propor analisar com os estudantes, as andanças de Anita Garibaldi, acontecimento que, à primeira vista, pode ser percebido como uma necessidade puramente funcional para o desenvolvimento urbano, uma pergunta muito pertinente é: por que as estátuas se movem? A resposta a essa pergunta permite identificar valores de grupos de pessoas que viviam em Belo Horizonte na década de 1920, mais especificamente, um grupo de mulheres da elite. Para estabelecer relações com o presente, seria interessante pensar se esses valores mudaram e como mudaram. E assim, ao desnaturalizar a localização e a movimentação das estátuas pela cidade, abre-se espaço para questionamentos, tais como: qual é a relação da cidade com seus monumentos atualmente? Quais crenças, valores e preconceitos os espaços ocupados pelos monumentos podem

evidenciar sobre a Belo Horizonte atual? Como outras cidades, outros países têm lidado com os seus monumentos e o que isso diz sobre o modo como pensam os grupos sociais que habitam esses espaços? Um exemplo de mobilização em torno de monumentos na cidade de Belo Horizonte, atualmente, é o que gira em torno da retirada de um dos murais do CURA (Circuito Urbano de Arte) da fachada do prédio do **Condomínio Chiquito Lopes**, na Rua São Paulo, feito pela belo-horizontina **Criola**, intitulada “Híbrida Ancestral – Guardiã Brasileira”. Segundo a artista, o mural foi realizado em honra às mulheres, ao povo preto e aos povos originários brasileiros e seus descendentes como legítimos guardiões da espiritualidade brasileira.

Uma reportagem publicada no Jornal *O Estado de Minas*, de 21/11/2020, do jornalista Rodrigo Salgado⁸, informa que esse mural está sendo objeto de uma ação judicial, movida por um morador do prédio que demanda a sua retirada, alegando, dentre outras questões, que o mural “não é uma simples pintura, é uma decoração de gosto duvidoso”. Pensando para além da cidade de Belo Horizonte, outro exemplo de conflito gerado por monumentos no espaço público que pode ser mencionado é o que ocorreu em torno das esculturas feitas pelo escultor John Ahearn, que foi contratado para fazer esculturas na região do Bronx na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Ele esculpiu em bronze pessoas comuns que viviam naquela região, com o objetivo de dar a elas visibilidade. As esculturas foram instaladas em 1991, mas seu trabalho recebeu diversas críticas de moradores que afirmavam não se identificar com as obras que acabaram sendo retiradas e levadas para o *Socrates Sculpture Park*, na região do Queens, também em Nova York.

Voltando à análise dos monumentos que representam figuras femininas na cidade de Belo Horizonte, um terceiro aspecto que chama a atenção em relação à localização desses monumentos é o fato de que a maioria das esculturas estão expostas em espaços públicos de pouca visibilidade. Um exemplo disso é o monumento *A Mãe Mineira*, escultura em bronze do artista Lélío Coluccini, instalada na Alameda Ezequiel Dias, 227. A estátua encontra-se na parte baixa de uma árvore, no lado leste do Parque Municipal de Belo Horizonte. Interessante

⁸ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/12/02/interna_gerais,1216883. Acesso em: 05 de jan. de 2021.

observar que, em relação a esse monumento, ele representa uma coletividade, a de mães, e não uma figura feminina específica.

Figura 2 - A Mãe Mineira (1910), Belo Horizonte, do escultor Léo Coluccini



Fonte: conhecaminas.com

Em contraposição, os monumentos que representam figuras masculinas estão localizados em pontos importantes da cidade de Belo Horizonte, sendo que a maior parte deles se encontra em avenidas e praças importantes e centrais da cidade, é o caso do Monumento à Civilização Mineira, localizado na Avenida do Contorno, importante avenida da cidade ou dos bustos de Azevedo Júnior; Bernardo Guimarães; Chrispin Jacques Bias Fortes; Dom Pedro II; Júlio Bueno Brandão; e Monumento Encontro Mercado, localizados no complexo da Praça da Liberdade.

A presença de artistas mulheres na coleção de monumentos da cidade de Belo Horizonte – acervo que reúne cerca de 216 obras – é desigual em comparação aos artistas homens e também deve ser problematizada. Segundo o Inventário dos Monumentos de Belo Horizonte, a quantidade de artistas mulheres corresponde à minoria, enquanto os artistas homens são maioria. Aspecto interessante a ser observado é o fato de que a obra pertencente à única artista identificada nas pesquisas realizadas para a produção desse artigo, a belo-horizontina **Criola**, se insere num contexto conflituoso em relação à recepção de sua obra. Para a historiadora da arte Linda Nochlin (2016), esses dados revelam

que a busca pela igualdade de gênero no universo das artes é ainda uma questão que está longe de ser superada.

Esses dados também abrem espaço para uma série de questionamentos, tais como: por que os monumentos que representam homens ocupam partes centrais dos perímetros urbanos? Isso ocorre porque os seus feitos foram mais grandiosos que os feitos das mulheres? A que se referem esses feitos, quais tipos de ações estão sendo privilegiadas? Quem eram esses homens? A quais grupos sociais pertenciam? Em geral, esses homens eram políticos, o que torna necessário problematizar: será que no dia a dia das cidades, dos bairros e das comunidades, somente os políticos desenvolvem trabalhos importantes? E o que tem sido considerado como ação política nessas representações? E as mulheres que atuam, cotidianamente, nas cidades em diversas frentes, trabalhando pela melhor qualidade de vida da população, ligadas ou não a partidos políticos, instituições, ONGs, associações, movimentos sociais, igrejas, etc.? Por que não foram ou não são representadas?

Essa política patrimonial que exclui as mulheres do espaço público e privilegia as ações políticas institucionais e desenvolvidas por homens, somadas a outras representações existentes na sociedade que colocam os homens em destaque podem ser apropriadas pelos sujeitos, no sentido de que, exclusivamente, os homens fazem a política em instituições públicas e, por isso, devem ser representados porque são eles os sujeitos que determinam os rumos das cidades e dos países. Isso contribui para uma visão limitada de política, ou seja, a noção de que essa se faz somente de forma institucionalizada, sem que se identifique e compreenda os modos por meio dos quais se desenvolve a cidadania participativa. Ao naturalizar o modo como as mulheres são representadas por meio dos monumentos, no espaço público da cidade de Belo Horizonte, pode-se corroborar a ideia de que grupos sociais, tais como o de mulheres, não têm lugar na história da cidade. Mas se forem desnaturalizados esses aspectos, as narrativas contadas pelos monumentos podem fazer emergir memórias e histórias a partir de perspectivas muito diferentes.

4.4 Relacionando passado, presente e futuro

O trabalho com os monumentos pode promover o estabelecimento de relações entre diversas temporalidades. A construção de linhas de tempo pode ser uma boa estratégia para relacionar passado, presente e futuro, além de relacionar histórias de diferentes contextos espaciais. Para a sua construção, podem ser utilizados ícones e imagens de elementos que remetem aos períodos e temas desenvolvidos. Desse modo, os estudantes podem organizar linhas de tempo sequenciais e simultâneas com os monumentos que representam mulheres, contemplando:

- 1- Os períodos em que foram construídos;
- 2- Os aspectos relativos à história de vida do estudante ou da família que se relacionam aos períodos de construção dos monumentos;
- 3- Os aspectos da história da cidade;
- 4- Os acontecimentos da história do Brasil e da história mundial já estudados.

A partir da construção das linhas de tempo, é possível realizar diversos questionamentos, tais como:

- a) É possível estabelecer alguma relação entre os períodos identificados nas linhas de tempo organizadas? Quais?
- b) Há algum momento em que houve maior construção e ou patrimonialização de monumentos?
- c) Como era a situação das mulheres nos períodos identificados?
- d) O que mudou e o que permaneceu em relação a situação das mulheres nos períodos identificados?
- e) O levantamento realizado permite afirmar que as desigualdades entre homens e mulheres se fizeram presentes em outros períodos da história da cidade de Belo Horizonte ou somente no tempo atual? Por quê? Em que medida essas desigualdades constituem-se em permanências?
- f) O que tem sido feito hoje para modificar esta situação?
- g) O que se pode fazer sobre a política patrimonial do município para que se torne mais democrática e inclusiva?

- h) O que você sabe sobre a situação das mulheres em outros países no presente?
- i) O que tem sido feito pela nossa sociedade e por outras sociedades para ampliar as formas de participação e lutar contra os diversos tipos de violência contra as mulheres?

A partir do levantamento e da análise do patrimônio local de acordo com as orientações da Educação Histórica, buscando ampliar a perspectiva de análise por meio da comparação entre distintas camadas temporais e espaciais e cotejada com a própria experiência, torna-se possível abrir espaço para se pensar em possibilidades de relações mais isonômicas entre homens e mulheres e em formas sociais, políticas e culturais que permitam materializar perspectivas de futuros melhores.

5. Considerações finais

O patrimônio material na perspectiva da Educação Histórica constitui-se numa rica fonte para o desenvolvimento do pensamento histórico. Como ressalta Cooper (2006, p. 57), mais do que objetos ilustrativos, o trabalho com as fontes busca promover o desenvolvimento de habilidades de observação, problematização, análise, comparação, formulação de hipóteses, crítica, produção de sínteses, reconhecimento de diferenças e semelhanças, enfim, capacidades que permitem ao aluno desenvolver o raciocínio histórico numa perspectiva de construção da autonomia.

Ensinar a pensar historicamente a partir do patrimônio local e suas relações com dimensões temporais e espaciais mais amplas permite que os estudantes compreendam melhor o seu entorno, desnaturalizem-no, estabeleçam relações com outros tempos e espaços, construam narrativas mais amplas e complexas sobre o meio em que vive e, assim, à medida que o compreendem melhor, podem ser capazes de nele atuar de modo mais consciente. Além disso, o trabalho com o patrimônio local possibilita a abordagem dos conceitos de segunda ordem, tais como os de fonte, patrimônio e evidência, e desenvolve habilidades específicas do trabalho do historiador, tais como a leitura de fontes, a elaboração de inferências,

o estabelecimento de relações espaciais e temporais, a identificação de diversos sujeitos e grupos sociais, suas motivações e intenções e as possibilidades narrativas advindas do conjunto desses elementos para a compreensão e a transformação do mundo em que se vive.

A exemplo de Molina (2015), que defende a Educação Patrimonial desde as séries iniciais como ferramenta de *rebeldia cidadã* às formas curriculares que tiram do sujeito a possibilidade de se apropriar do seu passado a partir do patrimônio local, esse artigo considera o trabalho com os monumentos de uma cidade a partir da Educação Histórica, uma possibilidade de resistência cidadã às estratégias de invisibilização de grupos sociais que foram e continuam sendo excluídos da e pela sociedade.

Referências

ASHBY, Rosalyn. ASHBY, Rosalyn. Desenvolvendo um conceito de evidencia histórica: as ideias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares. *Educar em Revista*. Curitiba (PR): Ed. UFPR, Número Especial, p. 151-170, 2006.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte - BELOTUR. *Inventário dos Monumentos de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PBH, 2008.

BORGHI, Beatrice. *La storia: indagare, apprendere, comunicare*. Bologna: Pàtron Editore, 2016.

COLLINGWOOD, Robin George. *A idéia de história*. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar em Revista*, vol. 22, 2006, pp. 171-190. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155059283010>

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 32, n. 60, p. 107-146, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/45979/28511>. Acesso em: 18 maio 2022.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o patrimônio. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. FaE/UFMG, n. 47, jun. 2008.

MOLINA, Nayra Llonch. La educación patrimonial como herramienta de "rebeldía ciudadana". In: SOLÉ, Gloria (org.). *Educação Patrimonial: Contributos para a*

construção de uma consciência patrimonial. Braga: Pelouro do Património: Universidade do Minho, 2015. p. 35-52.

NOCHLIN, Linda. *Why have there been no great women artist?* 2. ed. São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: https://www.writing.upenn.edu/library/Nochlin-Linda_Why-Have-There-Been-No-Great-Women-Artists.pdf. Acesso em: 19 maio 2021.

OLIVEIRA, Péricles Antônio Mattar de; TEIXEIRA, Clotildes Avellar. *Monumentos de Belo Horizonte Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 2008. Disponível em: [https://issuu.com/domaninet/docs/monumentos de belo horizonte/1](https://issuu.com/domaninet/docs/monumentos_de_belo_horizonte/1). Acesso em: 19 maio 2021.

Parque Municipal de BH: um museu a céu aberto. Conheça Minas, 2018. Disponível em: <https://www.conhecaminas.com/2018/10/parque-municipal-de-bh-um-museu-ceu.html>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. *Saber de Pedra: o Livro das Estátuas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga. O trabalho com objetos e as possibilidades de superação do sequestro da cognição histórica: um estudo de caso com crianças nas séries iniciais. In: *Educação Histórica e Museus: Actas das VI Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, 6, 2006, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: UTFPR, 2007. p. 52-67. Disponível em: <https://lapeduh.files.wordpress.com/2018/04/perspectiva-de-investigac3a7c3a3o-em-educac3a7ao-historica.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

*Recebido em 08 de março de 2021
Aprovado em 21 de fevereiro de 2022*